

# Contribuições de Nilson Lage para o desenvolvimento do conceito de notícia autodestrutiva

Ingrid Pereira de Assis

## Resumo:

O objetivo principal deste artigo é demonstrar que a obra de Nilson Lage ainda é atual e abre espaço para novas reflexões acerca do jornalismo da pós-modernidade, em seus novos formatos e suportes. Para isso, aciona reflexões teóricas a partir de um resgate bibliográfico assistemático. Discute-se, nesta produção, a formação de conceitos para, posteriormente, demonstrar-se de que modo as atribuições dadas por Lage ao conceito de notícia são fundamentais para desenvolver ramificações como a de notícia autodestrutiva. A proposição deste novo conceito parte de uma pesquisa de doutorado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e traz constructos teóricos desenvolvidos com mais profundidade na tese e em livro que deriva dela.

**Palavras-chave:** Nilson Lage. Conceito de notícia. Notícia autodestrutiva.

**Nilson Lage's contributions to the development of the "self-destructive news" concept**

## Abstract:

This article's main objective is to demonstrate that Nilson Lage's work is still current and that it opens space for new reflections on postmodern journalism in its new formats and supports. So, we set theoretical reflections from an unsystematic bibliographic rescue: this paper discusses the concepts' formation and, later, demonstrates how the attributions given by Lage to the news's concept are fundamental to develop ramifications, such as the concept of self-destructive news. The proposal of this new concept is based on doctoral research within the scope of the Journalism Postgraduate Program at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), and brings theoretical constructs developed in more depth in the thesis and in the book that derives from it.

**Keywords:** Nilson Lage. News concept. Self-destructive news.

Recebido em: 19.03.22  
Aprovado em: 03.05.22

## Ingrid Pereira de Assis

Docente efetiva do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com doutorado sanduíche pela Universidade de Aveiro (Portugal); mestra em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, também pela UFMA.

E-mail: ingrid.p.assis@hotmail.com

Estudos em Jornalismo e Mídia  
v.19, n.1, jan./jun. 2022.  
ISSNe 1984-6924

<sup>1</sup>Boyd e Elisson (2013, p. 74, grifo meu) definem como sendo: “uma *plataforma* de comunicação em rede na qual os participantes 1) possuem perfis identificáveis de forma exclusiva que consistem em conteúdo fornecido pelo interagente, conteúdo fornecido por outros interagentes e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e percorridas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerados pelo interagente e fornecidos por suas conexões no site”.

<sup>2</sup>Tal metodologia foi escolhida por se preocupar em compreender o todo significativo do discurso, verbal ou não-verbal. A vertente discursiva é, também, conhecida como Greimasiana, em homenagem ao seu fundador, o lituano Algirdas Julius Greimas (1917-1992). Para ele, o sentido “não significa apenas o que as palavras querem nos dizer, ele é também uma direção, ou seja, na linguagem dos filósofos, uma intencionalidade e uma finalidade” (GREIMAS, 1975, p. 15).

<sup>3</sup>Esta pesquisa deu origem à tese intitulada “Notícias autodestrutivas: conteúdo jornalístico em Stories do Instagram e no Snapchat” e, posteriormente, ao livro “Notícias autodestrutivas: jornalismo no Snapchat e Stories do Instagram”, publicado pela editora Insular e disponível gratuitamente em: <https://insular.com.br/produto/noticias-autodestrutivas-jornalismo-no-snapchat-e-stories-do-instagram/>.

**A**s contribuições de Nilson Lage para a área do Jornalismo, em seus mais de 50 anos dedicados ao ensino e à pesquisa, são diversas. Vão de debates críticos, acerca do papel do Jornalismo na formação da opinião pública, a discussões sobre a influência do imperialismo nas coberturas jornalísticas realizadas pelas mídias hegemônicas no país. Além disso, as produções de Nilson Lage têm um papel essencial no processo de compreensão das técnicas e formatos jornalísticos, sobretudo quando se trata de notícia, e sobre isso recai o foco deste artigo.

Sabe-se que, com o desenvolvimento de novas mídias e suportes, o jornalismo vem sendo desafiado a se repensar constantemente e em uma velocidade jamais vista na história. Novos modos de narrar os fatos que apresentam valores-notícia ascendem, o que levanta o questionamento: estão surgindo novos formatos jornalísticos a partir dessas mudanças? Buscando responder, foi desenvolvida uma pesquisa de doutorado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre os anos de 2016 e 2020. Esta pesquisa tinha como objetivo principal conceituar a notícia autodestrutiva, compreendendo como ela se constitui (plano de conteúdo) e de que forma ela se apresenta (plano de expressão – visualidades), a partir do conteúdo jornalístico criado para as plataformas de redes sociais<sup>1</sup> Snapchat e Stories do Instagram, utilizando como metodologia a Semiótica Discursiva<sup>2</sup>, casada a outros procedimentos metodológicos como revisão bibliográfica sistemática, entrevista e análise documental<sup>3</sup>. Desta investigação, nasceu a proposta do conceito de notícia autodestrutiva, que tem como base teórica fundante e fundamental as contribuições de Nilson Lage acerca das técnicas jornalísticas na produção de notícias.

Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é apontar de que forma a obra de Nilson Lage se mostra ainda atual e abre espaço para pensar o jornalismo que se desenha e redesenha na pós-modernidade a partir das contribuições da pesquisa supracitada. Para isso, primeiramente, será discutida a formação de conceitos e, posteriormente, demonstrar-se-á como as atribuições dadas por Lage ao conceito de notícia são fundamentais para se propor possíveis ramificações. Finaliza-se apontando a diferença entre a notícia, em sua acepção tradicional, e sua ramificação autodestrutiva.

## O que é um conceito?

É por meio de conceitos que se conhece e reconhece o mundo exterior. À vista disso, assim como o mundo, os conceitos se modificam, não são fechados e definitivos. Sendo assim, é importante destacar que o conceito de notícia autodestrutiva, elaborado pela pesquisa já mencionada, é uma proposta, sempre sujeita à adaptação, pois, como bem frisa Dahlberg (1978, p. 107): “as definições dependem do conhecimento que se tem dos respectivos assuntos”. Ao demarcar o conceito de notícia autodestrutiva, iniciou-se uma discussão acerca desse novo formato, que futuramente pode ser ampliada por esta ou outros pesquisadores.

Ao se apresentar as concepções de um conceito, já se está conceitualizando a história do conceito. Trata-se de uma atividade crítico-criativa, que leva a compreender a construção teórico-filosófica. Isso ocorre porque para desenvolver um conceito é preciso ter uma memória semântica, que possibilita apreender o incompreensível, por meio de uma (de)limitação. É a memória semântica que possibilita a criação do conceito, a abstração, e isso não ocorre fora da história, mas sim na/pela história e, também, ajuda a construir a história. Por isso, o primeiro esforço para propor o conceito de notícia autodestrutiva foi remontar, historicamente, o surgimento do formato notícia e as alterações vivenciadas por ele na práxis jornalística, ao longo dos anos. Frisa-se que muitos autores sustentaram esse aporte teórico-histórico, mas isso não será devidamente detalhado neste artigo, pois não é seu foco principal.

Os conceitos possibilitam a formação de conhecimento, pois representam categorias de objetos, eventos ou situações, que serão expressadas por meio das palavras. Deleuze e Guattari (2000, p. 46) explicam que: “Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento em si [...]”. Recorre-se, então, à Filosofia para compreender que conceito consiste em uma representação, que pode ser mental ou linguística, mas, também, compartilhada e, por isso, é pública. “O conceito é a unidade primeira do pensamento e do conhecimento: só pensamos e conhecemos na medida em que manipulamos conceitos” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 16). Deleuze e Guattari se apoiam em Nietzsche para defender que a criação de conceitos é fundamental para a compreensão dos fenômenos. “[...] você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um solo, que não se confunde com eles, mas que abriga seus germes e os personagens que os cultivam” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 15-16).

Portanto, ao desenvolver a proposta de notícia autodestrutiva, a investigação tinha como fim último conhecer o funcionamento deste formato, (de)limitando suas particularidades e generalidades. Desse modo, para compreender o que vem a ser a notícia autodestrutiva, primeiramente, empenhou-se em entender a notícia e, partindo de suas características e particularidades, buscou-se uma proposta de especificação conceitual. Para compreendê-la, identificou-se, inicialmente, que os conceitos são perpassados pelos seguintes aspectos: o invariante, o critério, a aquisição e o formato, a organização e a função.

Invariante é o que há de universal em uma categoria. Nas notícias, por exemplo, o fato de que se adequariam a um bloco de características. Ou seja, tudo que é categorizado enquanto notícia apresenta as particularidades listadas. Já os critérios, por sua vez, são justamente essas regras as quais algo deve corresponder para se enquadrar em certa categoria conceitual. “O que uniria uma categoria seria o que Wittgenstein chamou de ‘semelhanças de família’, ‘uma rede complexa de semelhanças que se envolvem e se cruzam mutuamente’” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 72).

Pondera-se, então, que haverá semelhanças entre a notícia e a notícia autodestrutiva, por isso, para se chegar ao conceito desta última é preciso partir do conceito já estabelecido da primeira. Mesmo havendo (de)limitações próprias, observadas a partir de uma mirada inicial sobre o *corpus*<sup>4</sup> da pesquisa, há similaridades que permitem reconhecer aquele conteúdo enquanto notícia também, ainda que apresente especificidades.

Com relação à aquisição e ao formato, pressupõe-se que um conceito é um universal abstrato linguístico. Assim sendo, sua aquisição ocorre por meio da língua e seus formatos possíveis, visto que as representações mentais serão estranhas ao conteúdo *stricto sensu*. As notícias são construídas por meio de uma gramática verbo-visual. Mesmo na presença de imagens, dinâmicas ou estáticas, as notícias surgem acompanhadas de um texto verbal que as contextualizam. As exceções, na história do Jornalismo, existem, mas são raras. Até mesmo as representações não-verbais possuem uma gramática própria, uma linguagem particular. Dito isto, defendeu-se, na sustentação da proposta de conceito de notícia autodestrutiva, que sua aquisição, assim como a da notícia, ocorre por meios linguísticos. “Para seres linguísticos, a comunicação é um modo de existência: livros, mídias, discussões etc. Os conceitos viajam pelos livros e pelas palavras e têm funções linguísticas: a comunicação e a significação” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 104). Ao ser construído verbalmente por esta pesquisa, o conceito de notícia autodestrutiva foi ficando disponível na imaterialidade dos bits. O mesmo ocorreu com o conceito de notícia, trabalhado, esmiuçado por inúmeros pesquisadores, incluindo Nilson Lage, que interessa particularmente neste artigo, e está imortalizado em bits e papel.

<sup>4</sup>Compõem o *corpus* da pesquisa macro textos-postagens: do Uol, no Snapchat; G1, nas Stories do Instagram; do portal português Público.pt; e do portal estadunidense da Cable News Network (CNN), ambos na plataforma de rede social Instagram. No Snapchat, coletou-se um mês de postagens do Uol e, nas Stories do Instagram, um mês de conteúdo do Público.pt e da CNN, e dois meses do G1. A coleta dos textos-postagens foi realizada em quatro etapas, entre os anos de 2017 e 2019. Os diferentes períodos de coleta se justificaram pela absorção das modificações contextuais nas plataformas ao longo do tempo e, também, para adaptação à necessidade de ampliação do *corpus*, que ocorreu em diferentes etapas. Ao todo, foram recolhidos 30 textos-postagens do Público.pt, 21 do G1, 19 textos-postagens do Uol, e 11 da CNN.

Para finalizar este tópico e seguir, explica-se que os conceitos se organizam entre si, em relações de conjunto e em eixos verticais (a depender do grau de generalidade) e horizontais (que agregam segmentações de um nível). Em termos práticos, isso significa que notícia e reportagem, por exemplo, estão incluídas no mesmo conjunto de formatos jornalísticos, ocupando um eixo vertical idêntico. Já as notícias autodestrutivas seriam um novo conceito, que se encontra a um nível de segmentação horizontal das notícias. “A combinação das estruturas horizontais e verticais dos conceitos constitui uma taxonomia. [...] Para alguns, o conteúdo de um conceito nada mais é do que, ou sobretudo, a soma das relações que ele mantém com outros conceitos” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 94). Portanto, a proposta de notícia autodestrutiva se relaciona com a notícia, apresentando semelhanças em relação aos aspectos conceituais, mas, ao mesmo tempo, manifestando um fator que a (de)limita e a especifica: a autodestruição. Dito isso, no próximo tópico, serão explicitadas a proposta conceitual de notícia autodestrutiva e a colaboração dos estudos de Nilson Lage para alcançá-la.

### O conceito de notícia autodestrutiva e a contribuição de Nilson Lage

Para chegar ao conceito de notícia autodestrutiva, foi desenvolvida uma perspectiva teórico-histórica, remontando tanto o contexto social de ascensão das notícias quanto da proposta conceitual defendida. Foram consideradas, nesse constructo, as modificações econômicas, políticas, culturais e comportamentais que impactaram na sociedade e, conseqüentemente, no jornalismo que emerge na modernidade e na pós-modernidade. Isso se fez necessário porque a elaboração de um conceito é uma atividade crítico-criativa, mas que deve estar amparada em uma formulação teórico-filosófica. Ou seja, precisou-se construir uma memória semântica, amparada, também, em conceitos, visto que são fundamentais na criação de conhecimento (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

Apoiado em um universal abstrato linguístico, foi definido, a partir deste resgate teórico-histórico - extraído de uma ampla revisão bibliográfica sistemática e cruzado com a análise do *corpus* -, que a notícia autodestrutiva é: um subformato que se autodestrói e deriva do formato notícia, por isso, encontra-se dentro do gênero informativo, sendo atual, mais superficial que as reportagens e abordando fatos marcados por noticiabilidade. Além disso, é periódica, possui comunicabilidade, apresenta um lead, função referencial, uso do modo indicativo, discurso impessoal, linguagem coloquial e estrutura expositiva. Por fim, é acompanhada por elementos que tragam um efeito de real.

A partir dos relatos dos materiais finais da pesquisa, percebe-se que chegar a esta proposta conceitual não foi fácil, pois já é um desafio formular um conceito de notícia. Para começar, há uma dificuldade em apontar de forma precisa o que torna um assunto suficientemente relevante para ser transformado em notícia. Alguns pesquisadores concluem que a relevância é atribuída a partir da característica humana da necessidade de vigilância, que, para eles, é influenciada por fatores biológicos e culturais, que interferem na notoriedade de certos assuntos. Ainda assim, este não é o único fator determinante. “[...] o que as pessoas - até os jornalistas - pensam que é digno de nota não é necessariamente o que se torna notícia” (SHOEMAKER; COHEN, 2006, p. 337, grifo dos autores)<sup>5</sup>. Esse processo de seleção das notícias é atravessado por fatores organizacionais, institucionais e até subjetivos. Isso faz com que o jornalista tenha dificuldades em definir de forma exata esse processo de escolha, como bem identificou Isabel Travancas (1993), ao investigar a rotina e os procedimentos jornalísticos em uma redação. “É fácil perceber que uma guerra, uma revolução, uma violência em grande escala são notícias. Difícil é definir o que é notícia em um mar de informações diárias” (TRAVANCAS, 1993, p. 33).

<sup>5</sup>Tradução de: “...what people – even journalists – think is newsworthy is not necessarily what becomes news” (SHOEMAKER; COHEN, 2006, p. 337, grifo dos autores).



Essa dificuldade se espraia pelo âmbito acadêmico. Kunczik (1997, p. 239) aponta que muitos estudos se voltam a compreender a escolha das notícias, mas, no geral, eles apresentam a mesma limitação: “A fraqueza dos estudos individualistas consiste em que eles passam por alto as determinantes sociais do comportamento do seletor de notícias”. Nilson Lage (2000) também identifica tal dificuldade. Para o pesquisador foco deste artigo, é mais fácil produzir notícias do que justificar as escolhas feitas ao longo desse processo. Mesmo assim, ele se arrisca em dizer que: “Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 2000, p. 16).

De acordo com Lage, mais relevante do que a narração dos acontecimentos é o modo como eles serão expostos. Seguindo a perspectiva desse autor, a notícia atravessa três fases de produção: a primeira é a de seleção dos fatos que envolvem o acontecimento; a segunda é a fase de ordenação dos fatos ou eventos, que nem sempre serão expostos na ordem cronológica<sup>6</sup>; e a terceira é a etapa de nomeação, ou seja, a escolha das palavras que vão expor tais eventos para o público. Em termos formais, o autor destaca algumas particularidades das notícias, detalhando aspectos como o veículo e diferenciando-as de outros formatos jornalísticos, como a reportagem. Essa decomposição dos aspectos formais da notícia foi fundamental no processo de demarcação dos elementos que as notícias autodestrutivas deveriam apresentar para serem categorizadas enquanto um subformato oriundo das tradicionais notícias.

Parte-se, agora, para algumas dessas características formais pontuadas por Lage. A primeira é o fortalecimento da impessoalidade do redator, por meio da estruturação do texto verbal em terceira pessoa, ao fazer a exposição dos fatos. O segundo aspecto é a utilização do tradicional *lead* para iniciar o material jornalístico no formato notícia. Segundo Lage (2000, p. 26), o *lead* é o:

...primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, embora possa haver outros leads em seu corpo. Corresponde à primeira proposição de uma notícia radiofônica, ao texto lido pelo apresentador ou à cabeça do repórter (quando ele aparece falando) no início de uma notícia em televisão”.

Embora muitos autores associem a técnica do uso do *lead* ao imediatismo do jornalismo com o passar dos anos, Karam (2000) discorda dessa hipótese de que o surgimento do *lead* esteja ligado ao imediatismo ou à pressa de ler. Para ele, o *lead* se estabelece por se basear em elementos retóricos do discurso, oriundos na Antiguidade grego-romana e não em técnicas jornalísticas mais modernas. Aponta-se, aqui, que tanto o uso da impessoalidade verbal quanto do *lead*, no modelo mais tradicional da produção de notícias, foram identificados no *corpus* de análise, coletado nas plataformas de redes sociais Instagram e Snapchat, ao se fundamentar a existência das notícias autodestrutivas. Nelas, notou-se, também, que o *lead*, muitas vezes, surge como uma ponte para o uso de estratégias interativas com os seguidores dos perfis jornalísticos analisados.

O terceiro aspecto ponderado por Lage, ao detalhar o âmbito formal da notícia, é que ela obedece às contingências dos veículos. Exemplificando com termos práticos, significa dizer que, no rádio ou na televisão, as notícias podem não trazer todas as informações apuradas sobre um fato, pois as menos relevantes devem ser suprimidas. Em “*La noticia como discurso*”, van Dijk (1990), assim como Lage (2000), demarca que os aspectos formais da notícia estão atrelados aos meios pelos quais ela é distribuída. No caso das notícias autodestrutivas, o ambiente de propagação (plataformas de redes sociais) vai, além de conformar o modo como a notícia é construída, adicionar a possibilidade de autodestruição, que é o ponto diferencial primordial na defesa de que aquele conteúdo corresponde a um novo formato, oriundo do formato notícia.

<sup>6</sup>Segundo Lage (2000, p. 20): “Se considerarmos a tradição oral, mais antiga e mais corrente, veremos que a ordenação dos eventos por ordem decrescente de importância ou interesse é bem mais comum do que a temporalidade da sequência”.

Ao tentar responder ao questionamento “O que é, afinal, notícia?”, Lage (2012) conclui que existem modelos formais que amoldam as notícias e, assim, permitem aos seus interlocutores identificar aquela produção jornalística enquanto tal. Para ele, responder adequadamente ao questionamento supracitado “[...] depende de uma definição que dê conta da aparência, aspecto ou forma de notícia no jornalismo contemporâneo, abrindo o caminho para um enfoque mais rigoroso de seu conteúdo” (LAGE, 2012, p. 49). Conforme já referido, para propor, então, o conceito de notícia autodestrutiva seria necessário esmiuçar as características que permitem ao interlocutor identificar aquele conteúdo enquanto notícia. Nessa tarefa, os resultados do esforço de Lage em se voltar a essa análise foram fundamentais para construir a base referencial desses elementos formais da pesquisa. Por isso, foca-se, neste artigo, nas contribuições desse autor para a proposta do novo conceito.

De acordo com Lage (2012), a função de linguagem referencial (vide Jakobson) é a predominante nas notícias. Delas, tenta-se eliminar tanto a função emotiva, que se liga ao emissor da mensagem, quanto a função conativa, que constrói um apelo ao receptor. Na referencial, o foco é exclusivamente o contexto. As notícias conseguem isso acionando algumas estratégias verbais. “Uma primeira particularidade verbal decorre da referencialidade: o uso do modo indicativo. Outra particularidade provém ainda da impessoalidade do discurso: o emprego da terceira pessoa” (LAGE, 2012, p. 61).

Além disso, por ter a atualidade enquanto algo caro para a sua importância social, essa característica da notícia acaba por, também, condicionar-lhe a forma. Em termos práticos, o que ocorre é que fatos de um passado recente são relatados evitando o uso do passado enquanto tempo verbal. “O passado é o tempo da notícia, quando relato do sucedido. Quando anúncio, ela virá no futuro simples (ou no presente usado pelo futuro); o presente da ação concomitante ou frequentativa quase nunca aparece nas notícias” (LAGE, 2012, p. 61). Em caso de suíte, ou seja, uma notícia que se desdobra de outra, ainda que exista uma sequência causal entre os acontecimentos, eles nunca são abordados na ordem cronológica. Inicia-se a notícia sempre pela informação mais atual. Lage (2012, p. 62) explica que esse ordenamento é “escolhido pelo fato de que as notícias acabam por construir um modo próprio de conhecimento, que é mais fragmentado, como um mosaico”.

Ademais, o teórico aponta que a linguagem da notícia deve ser coloquial. Trata-se de uma estratégia criativa que está diretamente relacionada à perseguição do ideal de universalidade<sup>7</sup>, uma das essências do jornalismo. “Deste ângulo, quanto mais coloquial for a linguagem, mais eficiente será a comunicação” (LAGE, 2012, p. 67), tendo em vista que consiste em uma variante de linguagem que apresenta menos formalidade que o registro culto, mas ainda respeita as normas gramaticais. Tal linguagem admite

...maior espontaneidade e graus diferentes de coloquialismo, ora aproximando-se mais do formal, ora aproximando-se do informal. É o registro utilizado pela mídia, por exemplo, que precisa atingir um público amplo e, ao mesmo tempo, adequar-se a situações específicas de comunicação (NASCIMENTO, 2009, p. 28).

Nas notícias autodestrutivas, identificou-se que os níveis de superficialidade e de coloquialidade são ainda maiores, admitindo o uso de gírias, brincadeiras e jargões típicos do ambiente das plataformas de redes sociais.

Ainda abordando os modos de retratar o acontecimento jornalístico, existem dois tipos clássicos de textos, que se apoiam em afirmações baseadas em investigações, tais quais as notícias. São eles: expositivo e narrativo. A narração é marcada por uma sequência organizada dos acontecimentos. Nela, “...a perspectiva é, em geral, de um narrador informado, que omite os dados que desconhece e se oculta na impessoalidade do discurso” (LAGE, 2012, p. 76). Configura-se

<sup>7</sup>Otto Groth propõe que existem quatro características que são essenciais nas Ciências dos Jornais: a atualidade e universalidade, que seriam características de conteúdo; e a publicidade e a periodicidade, que podem ser identificadas como da forma. Groth compreende a universalidade como a capacidade de mediar conhecimentos de todas as áreas da vida, para os mais diversos grupos sociais. “Universalidade é generalidade mundial” (GROTH, 2011, p. 179). Percebe-se que é um aspecto complexo, visto que nenhuma sociedade é uniforme. É por causa da universalidade que o jornal consegue atingir diversos públicos e, com isso, fornecer conhecimento que a priori não se buscaria.

como um texto indireto, que surge intercalado ao discurso direto dos envolvidos no acontecimento narrado. Trata-se de uma estratégia de autenticação do que está sendo dito, conferindo o efeito de real.

Para as notícias, no nível do discurso, têm importância particular as funções que fornecem o efeito de real, isto é, dados que, embora não significativos para a história (como o número do jazigo em que alguém foi enterrado ou a chapa do automóvel que bateu no poste), afixam a validade do testemunho (LAGE, 2012, p. 74).

Quanto ao modelo expositivo, a disposição é predominantemente atemporal. A temporalidade dos eventos é eliminada, a organização dos fatos se ampara em uma lógica de exclusão, inclusão e complementaridade. Lage (2012) destaca que, nas notícias clássicas, o texto expositivo acaba sendo mais utilizado, em comparação com o narrativo, pois ele traz relações lógicas entre as frases e entre as documentações que dão sentido ao texto e ao fato abordado. Consiste em uma construção textual que prioriza as informações a partir de um critério de relevância, mais do que pelo desencadear temporal.

...como construção lógica, a notícia, em sua forma clássica, se relaciona com uma organização tradicional do texto, baseada em asserções determinantes, ou tópicos frasais, e asserções determinadas, ou documentações. É este seu ponto de contato com o texto didático e didático-científico (LAGE, 2012, p. 79).

Percebe-se o quanto as características elencadas por Lage, ao longo de suas produções que se voltaram à compreensão do que vem a ser notícia, foram importantes para a caracterização do conceito de notícia autodestrutiva apresentado no início deste tópico. É necessário frisar que, no trabalho completo da investigação, as proposições deste autor aparecem intercaladas com as de outros, que empregaram esforços no mesmo sentido. Porém, neste artigo, focou-se apenas nas contribuições de Lage, tendo em vista a adequação à proposta do dossiê e pelo fato de suas produções terem sido basilares para a pesquisa macro.

Voltando, agora, ao conceito de notícia autodestrutiva enquanto uma ramificação do formato notícia, apontou-se que a autodestruição é o ponto de distinção entre elas. Sendo assim, no próximo tópico será explicado de forma breve por que tal característica justifica a aferição de um novo conceito, ainda que intimamente interligado ao tradicional de notícia, conforme fundamentação já apresentada.

### **A autodestruição implica em uma (de)limitação de formato?**

Defende-se na investigação macro e, portanto, neste artigo que sim. A autodestruição é um ponto primordial para a diferenciação do formato notícia, já tradicionalmente estabelecido no Jornalismo e devidamente perscrutado na literatura acadêmica da área, pois afetar a capacidade de produção de memória, seja pela dificuldade programada de documentação de uma história do tempo presente ou pelo impacto desse tipo de conteúdo na formação de conhecimento nos interagentes que fazem a fruição. Neste tópico, esses dois pontos serão minimamente explorados de modo a demonstrar a profundidade da mudança engendrada em aspectos caros ao Jornalismo e à notícia, mais especificamente.

Primeiramente, com relação à capacidade de documentação, precisa ser explicado que, após o surgimento da internet, o jornalismo pôde contar com um espaço ilimitado para comportar o material noticioso (PALACIOS, 2003). Isso rompe com o modelo de espaço limitado de produção característico das demais mídias. Tal mudança faz com que o material produzido no ambiente web, incluindo nas plataformas de redes sociais, disponha de um espaço sem limites para a criação. Além disso, os próprios veículos tradicionais podem ter um repositório

ilimitado, que permite a recuperação dos arquivos digitais, utilizando motores de busca (*search engines*) e suas ferramentas de cruzamentos de palavras-chaves e datas (indexação) (PALACIOS, 2003). A criação das plataformas de redes sociais que focam na autodestruição dos conteúdos altera profundamente a lógica instituída por esse modelo da web, no qual:

[...] a conjugação de Memória com Instantaneidade, Hipertextualidade e Interatividade, bem como a inexistência de limitações de armazenamento de informação, potencializam de tal forma a memória que é legítimo afirmar-se que temos nessa combinação de características e circunstâncias uma ruptura com relação aos suportes mediáticos anteriores (PALACIOS, 2003, p. 10).

Altera-se, com isso, inclusive, a prática do uso de tais dados como fonte de recuperação de informações históricas e contextualização de notícias, visto que o armazenamento ilimitado e a comunicação digitalizada e em rede “[...] introduzem mudanças qualitativas que criam um panorama novo a nível da constituição e resgate da Memória Social, alterando forçosamente as metodologias de trabalho do Historiador e do investigador social em geral” (PALACIOS, 2003, p. 10).

Se antes o Jornalismo buscava modos de armazenamento e absorvia tecnologias nesse sentido, tem-se, com essas plataformas que promovem espaços nos quais os conteúdos se autodestroem, o oposto a esse movimento. O Jornalismo passa a ocupar espaços mais efêmeros, ciente de que o conteúdo produzido ali não ficará mais disponível para o interagente<sup>8</sup>.

O segundo aspecto relativo à memória, modificado, é o impacto desse tipo de conteúdo na formação de conhecimento nos interagentes que fazem a fruição. Defende-se que, com o apagamento do conteúdo, amplia-se a celeridade de fruição e a ansiedade pelo consumo do próximo conteúdo. Com isso, ao mesmo tempo que tais plataformas se coadunam com o espírito do tempo da pós-modernidade, onde há cada vez menos espaço para o perene, elas vão impactar na formação de conhecimento a partir do conteúdo jornalístico que é criado para seus ambientes. Entende-se, aqui, que esse conhecimento jornalístico não é científico, embora possa se amparar nele, mas também não é totalmente apoiado no senso comum (MEDITSCH, 1997), embora o acione em alguns momentos. “Como produto social, o Jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições. Nenhum modo de conhecimento disponível está completamente imune a isto” (MEDITSCH, 1997, p. 11). Ainda assim, isto não invalida a sua contribuição e necessidade dentro de uma sociedade, tendo em vista que é o jornalismo que, muitas vezes, ajuda a apontar tais contradições e conectar os fatos, fazendo o que Sodré (2010, p. 135) chama de “organização racional da realidade”. Simplificando, trata-se, portanto, de um conhecimento baseado na realidade, que tem como função traduzi-la para os seres humanos e “serve ao mesmo tempo para conhecer e reconhecer” (MEDITSCH, 1997, p. 8).

Para Meditsch (1997), a produção e reprodução de conhecimento estão relacionadas tanto à socialização das experiências quanto ao processo cognitivo pessoal dos indivíduos. Tendo em vista esses dois aspectos, o jornalismo exerce um papel importante, conforme aponta o autor, visto que ele “...eventualmente pode desinformar as pessoas, mas certamente também lhes ensina muita coisa útil” (MEDITSCH, 1997, p. 11). Com a notícia autodestrutiva, esse processo de memorização individual do interagente é dificultado significativamente. Isso ocorre porque, com a autodestruição do conteúdo, o aumento da velocidade e da fragmentação do produto final, características do conteúdo jornalístico produzido para esses ambientes, o processo de transformação da informação em conhecimento acaba sendo dificultado, pois tais características influenciam diretamente na capacidade de memorização, ou seja, na conservação, para o indivíduo.

<sup>8</sup>Afere-se isso, tendo em vista sobretudo o modelo inicial imposto por essas plataformas de redes sociais. Hoje, muitas (como o Instagram) realizaram modificações no modo de funcionamento de suas ferramentas, justamente permitindo que o criador de conteúdo possa armazenar tais postagens. Ainda assim, até o fechamento deste artigo, para o seguidor de dado perfil, elas só ficarão visíveis se o administrador do perfil decidir torná-la um destaque. Caso contrário, permanecerá com a lógica de apagamento tradicional. Frisa-se que pesquisar fenômenos que se modificam tão rapidamente é sempre um processo complexo, até por isso é importante documentar historicamente tais modificações e suas implicações.



Memória é a aquisição, conservação e evocação de informações. A aquisição se denomina também aprendizado. A evocação também se denomina recordação ou lembrança. Só se pode avaliar a memória por meio da evocação. A falta da evocação denomina-se esquecimento ou olvido (IZQUIERDO, 2017, p. 13).

Conforme já explicado, enquanto construção histórica ou aptidão humana individual, a memória é uma preservação. É uma capacidade de armazenamento entendida como não passiva, visto que “...depois de aprender e armazenar novas informações, podemos selecionar, interpretar e integrar uma coisa a outra – para fazer um melhor uso do que aprendemos e lembramos” (FOSTER, 2011, p. 12). No entanto, enquanto “A notícia converte-se, assim, numa tecnologia, não simplesmente cognitiva, mas produtora de real – é história que cria história” (SODRÉ, 2010, p. 133), sua prima/irmã autodestrutiva corrompe esse paradigma vigente até então, com a escolha deliberada pelo rápido apagamento do conteúdo.

Frisa-se, por fim, que o ato de recuperar o que foi armazenado é individual e social. A lembrança “[...] nunca é exclusivamente individual: está sempre ligada ao conjunto da sociedade da qual eu participo e, portanto, tem caráter político (pensando na limitada sociedade grega, na polis) e cívico (pensando em agregações mais amplas como a *res publica* romana)” (ARCELLA, 2006, p. 187). Por isso, conhecimentos jornalísticos são fundamentais para que o indivíduo atue de forma crítica no espaço público e no âmbito privado.

Após explicado o ponto dissonante entre os dois formatos, ainda que de forma breve e superficial, até por não ser o foco principal do artigo, segue-se, agora, para as considerações finais deste artigo.

## Considerações finais

O objetivo central deste artigo foi demonstrar que as contribuições de Nilson Lage, ao pensar o Jornalismo, mostram-se ainda atuais e abrem um sólido caminho teórico para se refletir acerca das novas produções jornalísticas que surgem na pós-modernidade. Um momento histórico no qual a ideia de totalidade já não existe. O contexto é incerto, de mudancismo e efemeridade (LIPOVETSKY, 2016). Viu-se que, especificamente, as reflexões do autor acerca do conceito de notícia e, sobretudo, dos seus aspectos formais, foram fundamentais para uma pesquisa que se propôs a compreender a produção jornalística realizada no ambiente de plataformas de redes sociais, que promovem a autodestruição do conteúdo.

Antes de apontar diretamente as contribuições de Lage, fez-se necessário fundamentar o que seria um conceito e a relação entre o conceito de notícia e a proposta defendida, que é o de notícia autodestrutiva. Características listadas por Lage, embora não unicamente, unem os dois conceitos no mesmo eixo, permitindo aferir que um deriva do outro ao apresentarem similaridades formais. Em seguida, demonstra-se que mesmo estando no mesmo eixos, tratam-se de formatos distintos devido, sobretudo, ao elemento da autodestruição.

Seguiu-se, então, para o detalhamento do porquê de a autodestruição ser uma característica que pesa tão fortemente para se aferir que, a partir dela, é possível pensar novos formatos. Salienta-se que não se pretendeu esgotar a discussão ou tratar a proposta de conceito de modo definitivo. Conforme se deixou evidente desde o princípio, trata-se de uma proposta, portanto, aberta a críticas, rearranjos e ajustes.

Por fim, o mais importante deste artigo é a demonstração do quanto trabalhos como o executado por Lage ao longo de sua carreira ainda inspiram e colaboram com investigações de fenômenos atuais no Jornalismo. Em uma área demasiadamente afeita ao encantamento com o novo, muitas vezes, é preciso frisar o quanto as leituras clássicas são basilares e necessárias para se pensar o hoje e o futuro da profissão e da produção acadêmica sobre ela.

## Referências

- ARCELLA, Luciano. O poder da memória, fundamento do eu e da civilização. In: **Revista ALCEU**, V.8, nº 13, 2006, p. 182-190.
- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Sociality through Social Network Sites. In: DUTTON, W. H. **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, p. 151-172, 2013.
- DAHLBERG, Ingetraut. **Teoria do Conceito**. Rio de Janeiro: i. Inf, 1978.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- DIJK, Teun A. van. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.
- FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal**: a primeira imagem e o espaço gráfico-visual. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- FOSTER, Jonathan K. **Memória**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- GREIMAS, A. **Sobre o sentido** – ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido**: Fundamentos das Ciências dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HARDY-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?** São Paulo: Parábola, 2013.
- IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2017.
- KARAM, Francisco José. A antigüidade greco-romana, o lead e a contemporânea narrativa jornalística. **Revista Temática**, 2007. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2007/18.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso. São Paulo: Editora Manole, 2016.
- MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Bocc**, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo**: o texto da notícia. São Paulo: Saraiva, 2009.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs). **Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003.

SHOEMAKER, Pamela; COHEN, Akiba A. **News around the world: content, practitioners, and the public**. New York: Routledge, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando @ cultura: a comunicação e seus produtos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Editora Summus, 1993.

VAN DIJK, T. A. **La Noticia como Discurso**. Comprensión, Estructura y Producción de la Información. Barcelona: Paidós, 1990.